

WITH GOD ON OUR SIDE

Rooftop Productions (2010, 82", USA)

Dirigido por Porter Speakman Jr.

resenha por Magno Paganelli¹

O documentário *With God on Our Side* é um balde de água fria. Isso não significa que é mal intencionado ou com produção ruim. Água fria serve para esfriar ânimos muito exaltados e também para despertar e o documentário provoca ambos os efeitos ao explicar para cristãos “sionistas” a legitimidade da causa palestina e o equívoco do apoio cego a determinadas políticas de Israel.

A direção é de Porter Speakman Jr., um produtor independente que vive no Colorado e é coordenador de mídia da conferência *Christ at the Checkpoint*, um evento bienal (desde 2010) do *Bethlehem Bible College*, em Hebron Road. E qual a razão para o documentário? E que contribuições ele pretende dar? Por que juntar nomes tão distantes quanto Norman Finkelstein e John Hagee, Hank Hanegraaff e Brian McLaren (os dois últimos nos endossos)?

Porter Speakman Jr. tem raízes pentecostais clássicas² e atuou na JOCUM.³ Aprendeu a teologia contra a qual os argumentos do documentário lançam luz: a ideia de que os judeus de hoje são o povo escolhido do Israel bíblico. A interpretação padrão dos pentecostais norte-americanos, exportada para o Brasil e América do Sul via

¹ Mestrando em Ciências da Religião (Mackenzie), possui especialização em Novo Testamento, pedagogo e jornalista. É membro do Grupo de Estudos do Pentecostalismo (Mackenzie/CNPq) Grupo de Estudos Ideologia no Discurso Religioso (Mackenzie/CNPq) e do GT Oriente Médio e Mundo Muçulmano (USP). paganelli.magno@gmail.com

² Pentecostais clássicos ou da “primeira onda”, terminologia de Paul Freston (a referência no estudo acadêmico do pentecostalismo), não podem ser confundidos com neopentecostais nem com fundamentalistas. FRESTON, *Protestantes e política no Brasil: da Constituinte ao Impeachment*, tese de doutoramento (1993, pp. 64-112).

³ *Jovens Com Uma Missão*, movimento popular evangélico liderado por cristãos tradicionais pró-Israel.

missionários, é que Israel está temporariamente “suspensa” no plano de Deus para a redenção da humanidade até que as nações sejam evangelizadas. Quando isso acontecer, Deus restaurará Israel ao status de povo escolhido como no Antigo Testamento.

Tal hipótese se manifesta no conceito do dispensacionalismo, como o documentário indica, corrente que surgiu com os estudos de Edward Irving da Igreja da Escócia, seguido por John Nelson Darby (1800-1882), dos irmãos de Plymouth. Posteriormente Cyrus I. Scofield (1843-1921) a popularizou com a publicação da sua *Bíblia Anotada*. Scofield dividiu a história bíblica em sete períodos ou dispensações sendo a era cristã a sexta dispensação e a próxima será o milênio, quando Israel voltará ao plano de Deus. O modelo foi revigorado na década de 1990, quando Tim Lahaye e Jerry B. Jenkins publicaram a série *Left Behind* em doze livros que geraram três filmes.⁴ O dispensacionalismo resgatou o interesse dos cristãos pelo destino dos judeus, até então ignorados na escatologia cristã,⁵ e deu ocasião ao pré-milenismo dispensacionalista (LOPES, 2013, p. 47), que ensina o retorno de Cristo antes do milênio.⁶

Com este quadro em mente, podemos pensar a influência do sionismo na Europa e nos Estados Unidos e os burburinhos de que os judeus se reorganizavam sob a regência de Theodor Herzl (1860-1904) e o *lobby* pelo apoio britânico. Isso aqueceu a interpretação de que a Bíblia previa os eventos da abordagem dispensacionalista,⁷ e os cristãos inclinados a essa abordagem interpretaram como o cumprimento de determinadas profecias sobre o fim dos tempos. O retorno dos judeus para a Palestina/Israel serve como sinal dos tempos e inclina os cristãos a apoiarem-no, vendo nisto a mão de Deus. Nem todos os cristãos viam assim, pois havia interpretações dadas em contextos políticos, econômicos e culturais diferentes e bem firmadas em todos os grupos. As diferenças de interpretações de um mesmo texto da Bíblia podem variar em função de tais cenários e da própria orientação política de cada corrente cristã.

Com isso, compreendemos o documentário aberto com os versículos de Josué 5.13-14a na versão *A Mensagem*, que dizem: “Um dia, quando Josué ainda estava acampado

⁴ Publicada no Brasil com o título *Deixados para Trás*. Vendeu mais de 70 milhões de livros em 34 países.

⁵ É a doutrina que estuda os eventos relacionados ao fim dos tempos a partir da profecia bíblica e da interpretação de eventos entendidos como o seu cumprimento.

⁶ O período de mil anos aparece no texto de Apocalipse 20.

⁷ É preciso distinguir pré-milenismo de dispensacionalismo. Ao contrário da constante afirmação de que o *pré-milenismo* é posição nova, já no primeiro século da Igreja havia consenso sobre esta posição, enquanto o *dispensacionalismo* tenha 200 anos (LOPES, pp. 29,31).

perto de Jericó, ele olhou para cima e viu à sua frente um homem em pé, que segurava uma espada. Josué aproximou-se dele e perguntou: “De que lado você está: do nosso ou dos nossos inimigos?”. Ele respondeu: “De nenhum dos dois. Sou comandante do exército do Eterno”. O texto é usado para denunciar o dualismo de que quem não está a favor dos judeus deve ser visto como inimigo. Por trás do texto bíblico, ouve-se a pregação do Reverendo John Hagee, fundador da *Christians United for Israel* (CUFI), dispensacionalista, que o documentário mostra como sionista evangélico. Quando o texto bíblico sai, entram os membros da CUFI dançando a tradicional *Shalom Aleichem* (A paz esteja convosco) e agitando bandeiras dos EUA e de Israel em apoio incondicional àquele Estado numa “Night to Honor Israel”, evento que promove.

O documentário é conduzido por um narrador-protagonista, Christopher, jovem americano de família cristã, filho de pastor, que cresceu na cultura judaica. Ele conheceu palestinos, teve informações sobre os seus pontos de vista e se chocou com a sua interpretação dos fatos. Para o pai de Christopher, as coisas simplesmente eram “passadas” assim: era preciso orar por Israel, pois cristão são herdeiros dos judeus. Mas, então, por que há conflitos contra eles? E por que cristãos devem ser favoráveis a eles?

Para o Rev. Hagee, é dever cristão apoiar a democracia. Suas afirmações são contrapostas por Christopher, como a alegação de que o roteiro turístico dos cristãos que visitam a Terra Santa é orientado pelos judeus a cobrir regiões que tenham ligação com passagens bíblicas. Turistas americanos nas terras bíblicas procuram sítios onde “o leite e o mel”⁸ são evidentes, evitando sítios palestinos. Assim, o turismo trabalha em favor de Israel, minimizando os palestinos, o que não é totalmente verdadeiro. Nas três viagens que fiz à região estive na Cisjordânia (Belém e Jericó), uma delas tendo cruzado o *checkpoint* do exército com o guia israelense escondido no fundo do ônibus. Judeus e palestinos relacionam-se, embora a política de Estado coloque barreiras.

Enquanto Christopher viaja para Israel a fim de ouvir as partes, é dado um pano de fundo histórico sobre a dominação otomana (1516-1919) e estimativas da divisão populacional do período; o ano de 1897 é marcado com a organização do movimento sionista; a revolta árabe (1914-1918); o Mandato Britânico, o Lord Rothschild, e em tom sensacionalista as declarações de Ben Guryon de que “palestinos devem ir embora” e “precisamos de uma oportunidade para fazer isto, como uma guerra”. Então, em 1947, veio o plano de partição.

⁸ Figura de linguagem bíblica que indica a prosperidade e a fartura dos hebreus na Terra Santa.

Esse interlúdio serve para minimizar as falas de John Hagee em benefício da versão palestina – o que não significa necessariamente que o filme é contra Israel – e mostrar a lógica dispensacionalista. Speakman quer corrigir a abordagem unilateral que mostra os palestinos como invasores e inimigos, algo que uma leitura desatenta da Bíblia pode fazer associar aos filisteus do Antigo Testamento (que ocupavam a região de Gaza), povo com quem Israel sempre teve problemas. Só isso justificaria o raciocínio de que palestinos devem ser banidos.

O documentário introduz a discussão da “replacement theology” ou teologia da substituição, subproduto do dispensacionalismo associado ao modelo pentecostal da “terceira onda” (ver nota 2).⁹ O resultado é o apoio a Israel e a rejeição aos palestinos, fazendo vê-los como invasores e impedimento ao retorno de Cristo, ocasião em que a Terra Prometida seria restaurada ao povo judeu. Em outras palavras, os palestinos se tornaram o impedimento “inclusive” para a esperança cristã.

Mas a maioria dos cristãos sequer imagina uma comunidade cristã palestina.¹⁰ No documentário essa questão é bem colocada por Salim Munayer, professor do Bethlehem College. Ele tem uma organização para promover a união entre palestinos e judeus cristãos. Munayer questiona o modo como os judeus justificam o seu retorno a terra com os palestinos vivendo nela. A mesma advertência faz Ilan Pappé¹¹ ao desmistificar o slogan “a terra sem povo e o povo sem terra” como tendo sido criado no protosionismo; é uma fábula. “Os judeus estavam sem terra, mas a terra tinha um povo”. A resposta padrão é que judeus foram para o deserto e o fizeram florescer, e agora mostram isso como sinal e prova da bênção e prosperidade dadas por Deus – Deus está do nosso lado! As guerras vencidas por Israel, mesmo com contingente militar inferior ao Egito, a Jordânia e outros países árabes são um reforço a essa perspectiva da proteção de Deus. Tudo isso é percebido pela comunidade evangélica como Deus, de fato, confirmando a sua palavra.

⁹ O neopentecostalismo incorpora as promessas feitas aos judeus do Antigo Testamento: prosperidade, saúde, abundância, liderança social, vitória nas adversidades e sobre inimigos, entre outras. Isso cria uma nova fé, que não é étnica por se tratar de cristãos “gentios”, e não é cristã clássica por se apoiar em pressupostos da aliança étnica dos judeus.

¹⁰ O bispo anglicano e Nobel da Paz Desmond Tutu declarou: “Sou cristão, e muitos palestinos são cristãos – para ser mais exato, a maioria é anglicana”. *Deus não é cristão e outras provocações*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2012, p. 106. Para Guila Flint, na cidade de Belém cerca de 30% da população é cristã. *Miragem de paz – Israel e palestina, processos e retrocessos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p. 285.

¹¹ Historiador da University of Exeter e autor de *The Ethnic Cleansing of Palestine*.

Ao lado do Rev. John Hagee está Malcolm Hedding, representante da *International Christian Embassy Jerusalem*, entidade cristã de apoio a Israel que promove a festa bíblica dos Tabernáculos e levam “cristãos de todo o mundo a Terra Santa” – certamente um exagero; a própria ideia de uma “embaixada cristã” soa mal e rivaliza com o conceito de “igreja”. Speakman não questiona esse pormenor nem explora o fato do Ministério do Turismo de Israel abrir escritórios em países com maioria cristã para incrementar o envio de caravanas e capitalizar isso politicamente.

Hedding, como Hagee, cita a base bíblica da “teologia sionista” desde Abraão e diz que ela não foi abolida. Para ele, o sionismo é um sistema que Deus prometeu para o seu povo. Diferentes grupos trabalham em um mesmo sentido para estabelecer esse plano. Ele invoca o “desenvolvimento” da teologia dispensacionalista de John Nelson Darby e Edward Irving como parte do plano. Desse modo, o apoio a Israel deve ser parte do compromisso cristão.

Entrevistados que veem os palestinos favoravelmente são mais diversificados e numerosos. O resultado é um argumento mais amplo, multidisciplinar e menos dogmático. Começando com Ron Dart,¹² o argumento de uma exclusividade de Israel em detrimento de outros povos é confrontado em favor de um argumento ético e não pactual como Gênesis 12 (o chamado de Abraão). O nacionalismo secular de Israel está fora de cogitação para Dart, uma vez que Deus tem interesse *nos povos*, e não em um povo.¹³ Dart argumenta que a saída dos hebreus do Egito mostra preocupação com órfãos, viúvas e estrangeiros (Êxodo 20), de modo que quando Hagee menciona Abraão não significa que ele entende a questão amplamente, pois a visão ética do Êxodo é mais elevada que a étnica de Gênesis, é para toda a humanidade, é a visão de Deus *para os povos*. A Igreja deve ocupar-se da visão mais ampla, uma vez que Jesus disse a seus discípulos que pregassem o Evangelho a todas as nações (gr. εἰς ἅς; ver nota 13).

Stephen Sizer, pastor da *Christ Church Virginia*, se mostra menos crítico que Dart. Para Sizer a aplicação de Gênesis 12 à parte do que o Novo Testamento (NT) diz é inadequada e gera uma teologia capenga. Jesus disse que “Abraão se regozijou em ver o seu dia” e Paulo disse que “somos filhos de Abraão pela fé”. Assim, a promessa não tem implicações políticas implícitas, pois há 4 mil anos tal implicação não existia. O NT não

¹² *University of the Fraser Valley*. Também foi da Anistia Internacional entre 1985 e 1995.

¹³ Gênesis 12.3 diz “em ti serão benditas todas as famílias da terra”. A Septuaginta, versão grega do Antigo Testamento, traduz “famílias” por φυλαί, “amados”, “caríssimos”.

justifica a escolha de uma etnia. Ele demonstra isso evocando a passagem da mulher encontrada por Jesus em Samaria (Ev. João 4). Ele judeu, ela uma samaritana *mestiça e impura* foi acolhida por Jesus que, além disso, afirmou que o Pai procurava adoradores sinceros, não descendentes legítimos, e esse é o modelo que cristãos devem seguir.

Na mesma linha de argumentação está Matthew Hand. Ele dirigiu o filme *Reconciliation walk*, que defende que a abordagem chave para o Oriente Médio é a humanidade de Jesus.¹⁴ A abordagem apocalíptica adotada por grupos cristãos não foi prioritária para Jesus. Ele optou por pessoas, especialmente as diferentes, como soldados romanos, judeus excluídos e samaritanos. A Guerra dos Seis Dias (1967), ele diz, é vista por muitos cristãos como parte do cumprimento de profecias, mas o filme contornou isso, evitando o desconforto de confrontar uma evidência em favor da posição “sionista”.

Gary Burge, do *Wheaton College*, a “Harvard evangélica”, segue a trilha aberta por Ron Dart. Destaca a vida vibrante dos palestinos e lamenta que se oculte isso. Aqui há um claro contraponto ao início do filme, que mostrou cristãos dançando ao som de canções judaicas. Para Burge, a imagem da “Palestina perigosa” é passada para os turistas e os palestinos são definidos pelos grupos de resistência. Além do argumento cultural, ele também insiste que o uso de Gênesis 12.3 é indevido, pois manda abençoar um povo que não segue os princípios que dariam o direito a bênção prevista. Burge cita João 8, onde os judeus contrários a Jesus se defenderam alegando serem filhos de Abraão. Jesus não apoiou a interpretação deles e o NT é claro ao mostrar que nem todos os descendentes de Abraão têm direito a Promessa, pois ela não é determinada geneticamente, mas espiritualmente por atos de fé e obediência. Assim, os estrangeiros “gentios” (palestinos incluídos) podem anteceder-los no Reino de Deus, pois o pacto com Abraão se cumpre em Jesus e essa teologia criou dois pactos e dois povos, Israel e a Igreja.

Em Cristo, Deus pôs fim à divisão entre judeus e gentios e cita a carta de Paulo aos Efésios que fala da queda da barreira de separação.¹⁵ A teologia da separação nega o que Jesus fez propondo uma alternativa, quando na verdade a alternativa não existe.

¹⁴ No Cristianismo Jesus é plenamente humano e plenamente divino.

¹⁵ “Porque ele [Jesus] é a nossa paz, o qual de ambos os povos fez um; e, derrubando a parede de separação que estava no meio, na sua carne desfez a inimizade...” (Efésios 2.14,15).

Ben White¹⁶ diz que os palestinos são ofendidos por cristãos equivocados sobre a natureza da ocupação israelita que quer colocar restrições burocráticas nos *checkpoints*, além do confisco de terras. Salim Munayer reforça o coro e menciona um encontro com um cristão em Dallas, que disse “amar os judeus”. Quando Munayer disse ser palestino, o cristão lhe deu as costas. Então, ele pergunta: “O que há de errado comigo e com o meu cristianismo? E com o meu povo cristão?”. A influência judaica na teologia cristã nos Estados Unidos erra e é preciso diferenciar o Estado da religião judaica. Esse “Israel” de hoje é o mesmo da Bíblia? – questiona o filme.

Na parte técnica do filme não há o que criticar. A produção é de boa qualidade. O roteiro é previsível: começa com os “bons moços” envolvidos em sonoplastia grave que ganha leveza à medida que mostra as ilusões de uns e a “vida como ela é” dos outros.

Senti falta de argumentos da ala histórica da Igreja dos Estados Unidos, batistas e presbiterianos, por exemplo. O dispensacionalismo não entra na conta teológica dessa turma e embora seja “barulhento”, Hagee não exerce qualquer influência¹⁷ sobre eles. No Brasil ele sequer está entre os pregadores “desejados” nos congressos. Speakman poderia economizar as repetições dos argumentos e explorar a “teologia da reconciliação”, ponto alto da Teologia nas epístolas do apóstolo Paulo e bastante apropriada para pluralidade de contextos étnicos. Ele teria uma teologia “bíblica” à mão e evitaria a possível rejeição a argumentos que os dispensacionalistas poderão considerar “liberais demais”.

Nos Estados Unidos o calvinismo¹⁸ tem crescido, respingando em parte da Igreja brasileira, e o apelo “sionista” ao pensamento calvinista não reverbera. Parte dos dispensacionalistas brasileiros tem mudado sua abordagem na esteira das pregações de Paul Washer, John Piper e John MacArthur, todos calvinistas. A ala neopentecostal no Brasil reverencia a cultura judaica, mas será que estaria disposta, à exemplo da Igreja de Hagee, a colocar nas mãos dos judeus um cheque de US\$ 1 milhão para expandir os assentamentos judeus na Cisjordânia?

¹⁶ Jornalista que cobre o Oriente Médio e especialmente o conflito Israel-Palestina, autor de *Israeli Apartheid: A Beginner's Guide* e *Palestinians in Israel: Segregation, Discrimination and Democracy*. Tem sido chamado por parte da imprensa israelita (*Jerusalem Post* e *The Jewish Chronicle*) de “ativista anti-Israel”.

¹⁷ Sua igreja no Texas tem c. 20 mil membros.

¹⁸ Ver M. Weber, *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, cap. 4.

Referências bibliográficas

LOPES, E. *Fundamentos da teologia escatológica*. São Paulo: Mundo Cristão, 2013.